



Maria Josefa Barreto Pereira Pinto: uma precursora na imprensa e na literatura do Rio Grande do Sul

Maria Josefa Barreto Pereira Pinto: a pioneer in
the press and literature of Rio Grande do Sul

Guilherme Barp¹ 
Cecil Jeanine Albert Zinani² 

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

²Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS, Brasil.

E-mails: gbarp123@gmail.com; czinanan@ucs.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar informações sobre a vida e a obra de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, escritora e jornalista do Rio Grande do Sul do início do século XIX, assim como suas conexões com a imprensa. Para tanto, executa-se revisão bibliográfica e documental, a partir de fontes primárias e secundárias. Este artigo procurou sanar algumas dúvidas em relação à biografia da autora, como o seu nome, e expandiu a sua fortuna receptiva, com outros achados na imprensa oitocentista.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto; imprensa; literatura do Rio Grande do Sul; século XIX; resgate.

ABSTRACT: The objective of this paper is to investigate the life and work of Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, a writer and journalist from Rio Grande do Sul in the early nineteenth century, as well as her connections with the press. To achieve this, bibliographic and documental reviews were conducted using primary and secondary sources. This paper resolved some uncertainties regarding the author's biography, such as her name, and expanded her critical reception with additional findings from the nineteenth-century press.

KEYWORDS: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto; press; literature of Rio Grande do Sul; nineteenth century; recovery.

COMO CITAR

BARP, Guilherme; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Maria Josefa Barreto Pereira Pinto: uma precursora na imprensa e na literatura do Rio Grande do Sul. *Revista da Anpoll*, v. 55, e1986, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1986>

1 Considerações iniciais

No Brasil, a imprensa foi instalada, oficialmente, depois da vinda da família real portuguesa, em 1808, sendo a impressão de jornais, revistas e livros um monopólio da metrópole (Morel, 2008). Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o início da imprensa ocorre em 1º de junho de 1827, com o aparecimento do *Diário de Porto Alegre* (Strelow *et al.*, 2024).

Também no ano de 1827, inicia-se a imprensa orientada para as mulheres, no âmbito nacional, com *O Espelho Diamantino*, periódico de política, literatura, belas artes, teatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras, que era dirigido por um jornalista francês — radicado no Brasil —, Pierre Plancher (Duarte, 2017). Na mesma perspectiva, diversas publicações direcionadas ao público feminino, coordenadas por homens, tiveram lugar, em especial, no eixo Rio-São Paulo-Minas nas décadas seguintes. Durante um expressivo período, considerou-se *O Jornal das Senhoras*, que circulou entre 1852 e 1855, como o primeiro periódico a contar com uma mulher na direção. Entretanto, muito antes de Violante de Bivar e Velasco, baiana, e de Juana Paula Manso de Noronha, argentina, dirigirem a folha supracitada, já existia, no Brasil, uma outra mulher responsabilizando-se por um periódico: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, com seu *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, datado da década de 1830 (Muzart, 2003).

Este artigo tem como objetivo investigar informações biobibliográficas relacionadas a Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, além de suas conexões com a imprensa, tanto em termos de publicação como recepção. Atualmente, pouquíssimo material de/sobre a autora sobreviveu, configurando o que Duarte (2022, p. 16) chama de “memoricídio”, um “processo de opressão e negação da sua participação ao longo da história”. Assim, este trabalho é executado com o intuito de discutir incoerências relativas aos dados da vida dessa escritora e jornalista, bem como estender a fortuna crítica sobre a produção e recepção de sua obra, posicionando-se a favor de realizar uma recuperação histórica, lembrando essa singular figura do Rio Grande do Sul, por meio de revisão bibliográfica e documental. A revisão bibliográfica é pautada em fontes secundárias, compostas por ensaios, dicionários bibliográficos, histórias da literatura e outras obras miscelâneas, enquanto a documental fundamenta-se em fontes primárias, isto é, em periódicos oitocentistas disponíveis na Hemeroteca Nacional Digital, acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Estruturalmente, este artigo é dividido em duas seções, além de considerações iniciais e finais. O primeiro, intitulado “Fragmentos biográficos de Maria Josefa: levantamentos”, contém estudos relativos à biografia da escritora. O segundo, nomeado “Maria Josefa e os periódicos: direção e presença”, aborda a produção e recepção literárias e jornalísticas da autora, em níveis estadual e nacional.

2 Fragmentos biográficos de Maria Josefa: levantamentos

Quem foi Maria Josefa? Inicialmente, o nome da escritora é motivo de controvérsia, havendo múltiplas possibilidades, segundo estudiosos. É possível que seja Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, Maria Engrácia Pereira Pinto ou Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto. Flores (2011) e Coelho (2002) consideram Maria Josefa Barreto Pereira Pinto e Maria Josefa da Fontoura

duas pessoas diferentes. Para Muzart (2000), até o casamento, a mulher chamava-se Maria Engrácia, sendo que, após casada em Rio Pardo, passou a chamar-se Maria Josefa, nome que consta nas certidões de nascimento e batismo de seus filhos José Joaquim e Engrácia Maria. Os sobrenomes Barreto Pereira Pinto foram assimilados a partir do casamento com Manoel Ignácio Barreto Pereira Pinto (Jung, 2004).

A confusão entre o uso dos sobrenomes Barreto e Fontoura pode ter uma explicação com base no que é fornecido por Flores (2011) e Muzart (1996). As estudiosas afirmam a existência de duas Maria Josefa. Conforme Flores (2011, p. 577), Fontoura nasceu em Viamão, em 1775, e teve ação política durante a Revolução Farroupilha, sendo frequentemente confundida com Barreto. A assertiva é complementada por Muzart (1996, p. 152) – cujo nome completo atribuído a Fontoura é Maria Josefa da Fontoura Palmeiro –, que descreve que “entre as guerreiras farrapas, podemos citar Maria Josefa da Fontoura Palmeiro, desterrada pelo poder imperial por ser espiã. Espalhava em Porto Alegre as proclamações dos farrapos além de levar, pessoalmente, informações a Bento Gonçalves”. Clarificando a situação, elas não poderiam ser a mesma pessoa, uma vez que defendiam causas políticas opostas, como se verá a seguir. Ademais, como a maior parte das fontes primárias e secundárias chamam a escritora e jornalista de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, em vez de Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto, acredita-se que a primeira alternativa seja o nome da escritora e jornalista.

Quanto ao local de nascimento, constatações diferem: Viamão, para Muzart (2000) e Jung (2004); e Rio Pardo, para Flores (2011). As datas de nascimento também variam. Cesar (1971) afirma que ocorreu em 1775.¹ Já Flores (2011) considera 1777 ou 1888 [*sic*, 1788]. Muzart (2000), por sua vez, apresenta data incerta entre 1786 e 1788, com base em outro estudo de Hilda Agnes Hübner Flores, pois esses anos fariam com que Maria Josefa tivesse a idade mínima para casar em 1800. Jung (2004) atribui a, provavelmente, 1786. O possível ano de falecimento é considerado por Flores (2011) como 1837.

Maria Josefa era uma criança ilegítima, filha de Ana Matildes da Silveira, a qual foi exposta na residência de Teodósio Rodrigues de Carvalho (Jung, 2004). Tratando-se de uma família de posses, a menina foi acolhida, teve uma educação primorosa para a época e, posteriormente, recebeu toda a herança da família adotiva, uma vez que o casal não teve filhos biológicos. O nome da menina foi escolhido por Teodósio, em homenagem a sua esposa – também chamada Maria Josefa –, que ficou muito emocionada (Jung, 2004).

Quando a sede da Província se transferiu de Viamão para Porto Alegre, a família mudou-se para Rio Pardo, que, na época, era uma vila militar, incumbida de repelir tanto os ataques de espanhóis fronteiriços quanto de povos indígenas. Maria Josefa teve uma infância tranquila, sendo educada por seus pais adotivos. Sua mãe gostava muito de poesia, tendo, possivelmente, influenciado a menina, que apreciava ler e declamar versos (Jung, 2004).

Jung (2004, p. 20) chama a atenção para duas figuras importantes da época de Maria Josefa, Saint-Hilaire e Bento Gonçalves. Saint-Hilaire tornou-se uma inspiração para o posicionamento de independência diante do universo machista em que a jovem vivia. Bento Gonçalves “representava tudo aquilo que abominava e que era conflitante com seus ideais políticos e filosóficos”.

¹ Esta atribuição de data de nascimento provavelmente resulta de confusão com a de Maria Josefa da Fontoura Palmeiro.

O casamento de Maria Josefa com Manoel Ignácio Barreto Pereira Pinto ocorreu em 17 de dezembro de 1800 (Jung, 2004). Em 1802, nasceu o primeiro filho e, dois anos após, nasceu uma menina que tinha saúde muito precária, tendo falecido aos 10 anos. Em 1812, Maria Josefa e sua família mudaram-se para Porto Alegre. Manoel Ignácio conseguiu emprego como carcereiro na Cadeia Pública, tendo desaparecido após dar fuga a um preso (Jung, 2004). Para sobreviver, conforme Muzart (2003), Maria Josefa fundou, em Porto Alegre, uma escola mista, na antiga Rua do Portão – atual Rua Dr. Flores – onde morava. Teria essa sido a primeira escola mista do País, o que pode ser considerado um fato revelador da personalidade de Maria Josefa.

Outro aspecto discutível na biografia de Maria Josefa é o inventário de seus bens. De acordo com Flores (2011), a jornalista deixou apenas alguns livros, numa época em que esse material era escasso, o que não deixa de ser apreciável; porém, não estaria adequado à situação de ter sido a única herdeira de seu pai adotivo, um homem de posses. Em pesquisa no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Jung (2004) além dos livros, outros bens móveis, roupas e bens de raiz, inclusive um escravizado que não se encontrava em sua posse e que seria levado à hasta pública.

Muzart (2003), Jung (2004) e Flores (2011) concordam que Maria Josefa foi escritora, professora e jornalista. Cesar (1971) confere-lhe o título de poetisa, assim como Blake (1883). O último autor, ainda, refere-se a ela como repentista e declamadora que se apresentava no teatro, tendo, inclusive, participado de um desafio com outro poeta, em que ambos declamavam versos improvisados. Foi autora de um soneto comemorativo “Aos 55 anos do Sr. D. João VI”, que teria sido publicado no *Almanaque* de 1867, do Dr. Cezar Marques. Também se refere a *Elogios dramáticos* e outras poesias, inéditas. Essas criações também são mencionadas por Cesar (1971); entretanto, ele se refere a outra fonte para o soneto, igualmente publicado postumamente, na revista *Guanabara*, do Rio de Janeiro.

Até o momento, pode-se verificar que a biografia de Maria Josefa, como o subtítulo desta seção apresenta, permanece fragmentada. Para saber mais sobre quem foi essa singular escritora, faz-se necessário recorrer à sua conexão com a imprensa, cujos dados podem ser apreendidos tanto a partir de fontes primárias quanto secundárias que tratam do assunto.

3 Maria Josefa e os periódicos: direção e presença

Maria Josefa Barreto Pereira Pinto é a primeira jornalista do Brasil e, conseqüentemente, do Rio Grande do Sul. Fundou, inicialmente, o jornal *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, de acordo com Muzart (2000). Na nota de rodapé n. 10 (p. 77), a estudiosa considera:

Segundo Abeillard Barreto, pouco se sabe deste semanário crítico e literário, redigido por Maria Josefa Barreto. O primeiro número apareceu em novembro de 1833. A publicação, tendo cessado em 1834, foi, segundo Lourival Viana, pelo menos, até o número 10, de 21 de janeiro de 1834.

O jornal consistia numa publicação polêmica, devido às posições políticas adotadas, considerando que o Rio Grande do Sul se encontrava em um momento de efervescência, pois, pouco tempo depois, eclodiria a Revolução Farroupilha. Ele defendia o partido Caramuru, tendo em vista que Maria Josefa era uma monarquista radical, de acordo com os preceitos de seu pai

adotivo Teodósio Rodrigues de Carvalho (Jung, 2004). Partidária também dos Caramurus era Delfina Benigna da Cunha, que, segundo Jung (2004), era amiga de Maria Josefa. Na década de 1820, também morava no Rio Grande do Sul Nísia Floresta Brasileira Augusta, tradutora e adaptadora do livro de Mary Wollstonecraft, *Vindication of the rights of woman*.

Pouco depois de ter fundado o *Belona*, que, segundo Pereira, Freitas e Almeida (2020), apesar ter chegado a dez edições, nenhuma sobreviveu, Maria Josefa, juntamente ao jornalista Manuel dos Passos Figueroa, iniciou outro jornal, o *Idade d'Ouro*, de acordo com Muzart (2000). Porém, de acordo com Jung (2004), em outubro de 1833, Maria Josefa e Manuel editaram o *Idade d'Ouro*, e, em novembro do mesmo ano, a jornalista publicou o *Belona*, tornando-se a primeira jornalista brasileira. Assim, nota-se que anterioridade do *Belona* sobre o *Idade d'Ouro* é motivo de controvérsia.

O *Idade d'Ouro*, que se identificava como “jornal político, agrícola e miscelânico”, foi impresso na tipografia de Fonseca & Cia., situada na Rua de Bragança — hoje, Rua Marechal Floriano —, circulando às segundas e quintas-feiras. Provavelmente, foi publicado até o número 32, de 20 de fevereiro de 1834, com paginação contínua (Jung, 2004). Nele, houve a participação de parte significativa da intelectualidade gaúcha, inclusive do presidente da Província, Dr. José Mariani. Esse jornal sustentava acirradas polêmicas com folhas cujas ideias políticas eram contrários (Jung, 2004).

Sobre a materialidade de *Idade d'Ouro*, conforme Pereira, Freitas e Almeida (2020), constata-se que, atualmente, existem apenas partes do número 31 encontrado no Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Muzart (2003) transcreve um artigo da primeira página, possivelmente, o editorial, no qual estão expressos os ideais políticos do jornal, defendendo os partidários da Coroa. Na página 122, é feita uma menção explícita ao *Belona*: “Ora eis aqui os nossos fazedores de Repúblicas! [...] Malvados, aproveitai-vos da época; e temei Pan! Pan! Que já vos prognosticou a invicta BELONA” (Muzart, 2003, p. 229). Os “fazedores de Repúblicas” eram os partidários de Bento Gonçalves. Como as mesmas ideias já haviam sido defendidas pelo *Belona*, é provável que a anterioridade seja a desta publicação. Pereira, Freitas e Almeida (2020) afirmam, entretanto, que o texto veiculado em *Idade d'Ouro*, intitulado “Política”, não está assinado. Portanto, não se pode afirmar, certamente, que a autoria é de Maria Josefa.

Ainda sobre a relação de Maria Josefa com a imprensa, pode-se averiguar sua participação para além do Rio Grande do Sul. Assim, as fontes primárias referidas por Cesar (1971) e Blake (1883), entre outras menções interessantes, podem ser encontradas na Hemeroteca Nacional Digital, da Fundação Biblioteca Nacional, que serão exploradas abaixo.

Citado por Cesar (1971), o soneto a D. João VI foi, de fato, veiculado na revista *Guanabara*, compilada no tomo I, de 1850, encontrada no acervo supracitado. Também, nesse periódico, há outros dados sobre Maria Josefa – chamada de Maria Josepha Barreto, em consonância com a grafia da época. Afirma-se que ela era natural de Viamão e residia em Porto Alegre, onde “[...] devem existir ainda muitas de suas composições” (Em Porto Alegre..., 1850, p. 105). Sobre sua família, informa-se que era mulher do carcereiro de Porto Alegre e que tinha um filho engenhoso, já falecido à época da publicação do texto de *Guanabara*. Ressalta-se o talento dramático da autora, com base em representações em teatros particulares, principalmente, por meio da técnica de improvisação. Como o articulista não é identificado, mas escreve em tom memorialístico sobre a infância, na primeira pessoa do plural – “nós” –, pode-se inferir

que se trate de Manuel de Araújo Porto Alegre, um dos editores da revista, que viveu no Rio Grande do Sul, e que, portanto, pode ter conhecido Maria Josefa, direta ou indiretamente.

Essa parte biográfica e o soneto encontram-se reproduzidos em *Seleta brasiliense*, de José Marcelino Pereira de Vasconcellos, publicada pela Laemmert, no Rio de Janeiro, em 1868. Ademais, ele acrescenta que “O Sr. A. de V. M. de Drumond, de Pernambuco, em um escripto sob o titulo *Apologia do bello sexo* — publicado em 1857, dá noticia de uma D. Maria Josepha Barreto Pereira Pinto, natural do Rio de Janeiro, insigne poetisa, conhecida por — *Musa brasileira*.” (Vasconcellos, 1868, p. 252). Em pesquisa à Hemeroteca Nacional Digital, pôde-se apreender alguns detalhes sobre essa menção. Verificou-se que o autor a que Vasconcellos se refere é Antonio de Vasconcellos Menezes Drumond, intitulado Doutor, e que “Apologia do bello sexo” se trata de uma coluna reproduzida na seção “Variedade”, de *Estrela do Amazonas* (AM). Foram localizados textos sob tal título nos números 204, de 28 de março de 1857, e 207, de 15 de abril de 1857 (Drumond, 1857a; Drumond, 1857b). O acervo consultado possui, desse período, os números 204, 206, 207, 208, 210, 211, 212, partindo, então, para o 259, de 6 de janeiro de 1858. Como Maria Josefa não aparece nas colunas dos números 204 e 207, estima-se que ela deve estar inserida nas de algum número inexistente no acervo da Biblioteca Nacional.

Mencionada por Blake (1883), constata-se que, na edição de 1868 do *Almanach de Lembranças Brasileiras*, do Maranhão, coordenada por Cezar Augusto Marques, há uma coluna também contendo o soneto em comemoração ao aniversário de D. João VI, cujo título aparece como “Aos 55 annos do Senhor D. João VI. Soneto pela Snr.^a D. Maria Josepha Barreto, natural do Viamão, na Provincia de S. Pedro”. No índice desse almanaque de tal ano, constata-se que se veicularam textos, também, das autoras Antonia Senhorinha Carneiro Berford Rego, Gracia Hermelinda da Cunha Mattos, Maria Firmina dos Reis, além de Maria Josefa, o que indica uma valorização da autoria feminina, por parte do editor. Também há um breve excerto biográfico, que repete informações já presentes em *Guanabara* (Uma poetisa, 1868).

O soneto é o seguinte, conforme a grafia da época e a edição supracitada:

Lá onde o Tejo undoso ufano pisa,
 Dos brilhantes laureis já despojada,
 De funebre cypreste a fronte ornada,
 Lisia envolvida em pranto se divisa.

Na saudade cruel que a penalisa,
 Invejosa suspira, consternada,
 Quando America assás afortunada
 A gloria de João immortalisa.

No seu erguido throno brasileiro,
 Fundador de uma nova monarchia,
 Qual de Ourique Affonso, Rei primeiro,

Dictando sabias leis, já neste dia
 De onze lustros o gyro vê inteiro
 O grande filho da immortal Maria. (Barreto, 1867, p. 41).

Formalmente, constata-se a aplicação da forma fixa de soneto, composto por quatorze versos, divididos em duas estrofes de quatro e duas de três versos, respectivamente. Há o uso de verso decassílabo e esquema de rimas em padrão ABBA ABBA CDC DCD, em consonância com o modelo de soneto italiano ou petrarquiano, já largamente difundido nas literaturas portuguesa e brasileira ao século XIX.

A primeira estrofe evoca o Tejo e “Lísia”, de modo que, ao conectar os dois nomes, é entendido que o eu lírico está tratando de Portugal, pois está falando desse rio, e, mais especificamente, pode estar personificando Lisboa com o nome “Lísia”. Assim, com base nos segundo, terceiro e quarto versos, Lisboa/Lísia estaria sem louvores, de luto e em prantos. A segunda estrofe continua a falar dessa personificação — com expressivo uso de adjetivação —, que está sofrendo com a saudade, demonstrando inveja da América — do Brasil — que immortaliza a glória de D. João VI, residente na nação do Novo Mundo. A terceira estrofe compara D. João VI a Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, e louva-o como fundador de uma nova monarquia, a brasileira. Por fim, o eu lírico finaliza, na quarta estrofe, discorrendo acerca da idade – onze lustros; sendo que, se um lustro equivale a cinco anos, tem-se 55 anos –, enquanto o giro equivale a um movimento circular, significando o passamento do ciclo. O rei também é apresentado como sábio legislador e tem sua linhagem enaltecida, por meio de conexão com a rainha Maria I de Portugal, considerada “imortal”.

Trata-se de poesia encomiástica, para celebrar o aniversário de D. João VI. Sabendo que o monarca nasceu em 13 de maio de 1767, e que o poema celebra seus 55 anos, estima-se que ele tenha sido composto por volta de 13 de maio de 1822. Isso demonstra aspectos relacionados à autora e à temática abordada. Primeiramente, nota-se que Maria Josefa já estava atuando literariamente nesse período. Considerando que o poema “Versos heroicos”, da então tida como pioneira Maria Clemência da Silveira Sampaio, foi composto e declamado em 12 de outubro de 1822, segundo Moreira (2006), infere-se a anterioridade do soneto de Maria Josefa a D. João VI, levantando a hipótese de que a primeira mulher sul-rio-grandense a escrever poesia foi Maria Josefa. Ademais, o Brasil ainda não era um país independente, o que só aconteceu em setembro daquele ano; portanto, ainda era Reino Unido a Portugal e Algarves, elevação realizada em 1815, o que pode influenciar no tema do texto. Ainda, o assunto do poema ratifica duas informações: a profunda conexão posteriormente estabelecida, em *Belona Irada contra os Sectários de Momo e Idade d’Ouro*, entre Maria Josefa e a monarquia luso-brasileira, rejeitando os farrapos; e, a partir disso, o fato de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto e Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto serem duas pessoas distintas, na medida em que a primeira era partidária dos Caramurus e a segunda, dos Farrapos.

O texto literário evidencia os dotes artísticos de Maria Josefa para com a arte poética, demonstrando que ela dominava formas consolidadas de poesia – como o soneto e suas especificações de composição, o verso decassílabo e o uso de rimas –, a história de Portugal, e a geografia e a política euramericanas de sua época.

Cabe mencionar, ainda, um achado em relação à *Marmota Fluminense*, no número 571, de 10 de abril de 1855. Há uma coluna intitulada “A mulher”, por “C. da C.”, a mencionar Maria Josefa, reproduzindo exatamente o que Vasconcellos (1868) afirma, sobre ela ser do Rio de Janeiro, ter tais sobrenomes, ser poetisa e ser chamada de “musa brasileira”.

Dessa maneira, ainda que os jornais fundados e dirigidos por Maria Josefa Barreto provavelmente não tenham tido repercussão além do Rio Grande do Sul, acredita-se que tenham cumprido os objetivos da jornalista na defesa de seus ideais políticos e educacionais, num período tão conturbado como o que antecedeu a Revolução Farroupilha. Entretanto, sua vida e obra se disseminaram – mesmo que, muito possivelmente, em caráter póstumo – por meio da imprensa de outras localidades, como Rio de Janeiro e Amazonas, fazendo com que o conhecimento de suas existências ultrapassasse as fronteiras sul-rio-grandenses.

4 Considerações finais

Este artigo buscou “resgatar” Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, valorizando sua produção e recepção em termos literários e jornalísticos. Essa ilustre escritora, apesar de ter sido uma mulher de “faca na bota”, como foi definida por Muzart (2003), era intelectual, trabalhadora, dotada de uma linguagem forte, que não se atemorizava, caso seja considerado seu texto de não ficção. De acordo com o perfil da jornalista, provavelmente, seu periódico não deveria trazer modas, bordados, etiqueta ou o indefectível consultório sentimental, aspectos que se tornariam frequentes nas publicações orientadas para o público feminino.

Na primeira parte, voltada a um estudo biográfico, realizou-se um levantamento sobre as possíveis datas e locais de nascimento, incluindo uma de falecimento, vivências na infância e na maioridade, dados familiares e opiniões políticas. Ainda, aqui, pôde-se sanar uma dúvida pertinente em relação ao seu nome, verificado como Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, que, frequentemente, é vítima de confusão com o de outra homônima, Maria Josefa da Fontoura Palmeiro. Contudo, as duas defendem visões políticas opostas, sendo Barreto partidária dos Caramurus e Fontoura, dos Farroupilhas.

Na segunda parte, focada em um estudo analítico, examinou-se a relação de Maria Josefa com a imprensa. Foi abordada sua direção nos periódicos sulinos *Belona Irada contra os Sectários de Momo* e *Idade d’Ouro*, bem como sua participação póstuma e recepção em folhas de variadas partes do Brasil, como *Guanabara* (RJ), *Almanach de Lembranças Brasileiras* (MA), *Estrela do Amazonas* (AM) e *Marmota Fluminense* (RJ). O pioneirismo feminino nos âmbitos jornalísticos brasileiro e sul-rio-grandense foi constatado, bem como seu principal assunto na imprensa e na literatura, a política, canalizando por meio da não ficção e da poesia – notadamente um soneto encomiástico —, posicionando-a como monarquista.

Como reflete Jung (2004, p. 79), contrapondo-se ao posicionamento de Cesar (1971) – que criticava Maria Josefa:

[...] Esta competitiva mulher, enfeitada, casando-se quase menina, convivendo seus primeiros anos de casada nas asperezas de uma caserna, rejeitada pelo marido, que fugindo, abandonou-a com dois filhos menores, em plena cidade grande da Província, não esmoreceu. Lutou contra as adversidades e progrediu pelos seus méritos, numa sociedade machista e envolvida — não no amor e na paz, mas na dor e na guerra — numa um tanto suspeita revolução libertária.

Portanto, Maria Josefa Barreto Pereira Pinto foi uma feminista *avant la lettre*, destacando-se como uma pioneira em uma luta por autonomia e reconhecimento em um contexto patriarcal. Sua trajetória ilustra a força e a resiliência de uma mulher que desafiou as normas

sociais de sua época, conquistando seu espaço tanto na literatura quanto na imprensa. Ela não apenas superou as adversidades pessoais, mas abriu caminho para futuras gerações de escritoras e jornalistas, consolidando seu legado como uma figura relevante nas histórias das mulheres do estado e do País.

REFERÊNCIAS

A MULHER. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 571, p. 3, 10 abr. 1855. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/706914/561>. Acesso em: 14 set. 2024.

BARRETO, Maria Josepha. Aos 55 annos do Senhor D. João VI. Soneto pela Snr.^a D. Maria Josepha Barreto, natural do Viamão, na Provincia de S. Pedro. In: MARQUES, Cezar Augusto (coord.). *Almanach de Lembranças Brasileiras*. São Luís: Ed. do autor, 1868. p. 41-42. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/706680/916>. Acesso em: 14 set. 2024.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Maria Josefa Barreto. In: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. v. 6, p. 233.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

DRUMOND, Antonio de Vasconcellos Menezes. Apologia do bello sexo. *Estrella do Amazonas*, Manaus, n. 204, p. 3, 28 mar. 1857a. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/213420/1420>. Acesso em: 14 set. 2024.

DRUMOND, Antonio de Vasconcellos Menezes. Apologia do bello sexo. *Estrella do Amazonas*, Manaus, n. 207, p. 3, 15 abr. 1857b. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/213420/1428>. Acesso em: 14 set. 2024.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DUARTE, Constância Lima. Na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. p. 15-19.

EM PORTO Alegre... *Guanabara*. Rio de Janeiro, Tomo I, p. 105-106, 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/700630/550>. Acesso em: 14 set. 2024.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2. ed. Florianópolis: Mulheres, 2011.

JUNG, Roberto Rossi. *A gaúcha Maria Josefa, primeira jornalista brasileira*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

MARQUES, Cezar Augusto (coord.). Uma poetisa. In: MARQUES, Cezar Augusto (coord.). *Almanach de Lembranças Brasileiras*. São Luís: Ed. do autor, 1868. p. 41-42. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/706680/1056>. Acesso em: 14 set. 2024.

MOREIRA, Maria Eunice. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 27-40, 2006.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-43.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Josefa. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. p. 75-81.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 149-162, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5284>. Acesso em: 14 set. 2024.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2003.

PEREIRA, Giselle Andrade; FREITAS, Johny Paiva; ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. Uma mulher *avant la lettre*: Maria Josefa Barreto e a imprensa gaúcha no século XIX. *Letras em Revista*, Teresina, v. 11, n. 2, abr. 2020. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/307>. Acesso em: 14 set. 2024.

STRELOW, Aline *et al.* Apontamentos para uma história da imprensa no Rio Grande do Sul do século XIX. In: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HOHLFELDT, Antonio Carlos (org.). *História da imprensa no Brasil do século XIX*. Porto Alegre: EdiPUCRS; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2024. s. p. [e-book].

VASCONCELLOS, José Marcelino Pereira de. *Selecta brasiliense*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1868. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/670>. Acesso em: 14 set. 2024.